

Entrevista com Moisés Espírito Santo

Ismael Pordeus Jr

Universidade Federal do Ceará

Clara Saraiva

Universidade Nova de Lisboa

NOTA EXPLICATIVA

Conheci o professor Moisés Espírito Santo através de seu livro *A religião popular portuguesa*, quando comecei a estudar o processo de transnacionalização das religiões afro-brasileiras em Portugal, em 1995. Estive com ele, nessa mesma época, em uma rápida conversa, quando fui presenteado com suas publicações do selo Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa. Ao longo dos anos passei a dialogar com ele sobre a recomposição do campo religioso português, modificado depois de 25 de abril de 1974, com a chamada Revolução dos Cravos, através de sua vasta bibliografia, em busca de compreensão das práticas religiosas lusas.

Moisés Espírito Santo foi um dos primeiros sociólogos portugueses a se debruçar cientificamente e dar inteligibilidade sociológica e etnográfica à cultura tradicional portuguesa. Permanece uma referência nos estudos de Sociologia da Religião em Portugal. Sua primeira especialização voltou-se para a Sociologia Rural, com a monografia *Comunidade rural ao norte do Tejo*, defendida na França (EHESS), em 1976. Deu continuidade à sua formação, com a Tese de Doutorado *La religion paysanne dans le nord du Portugal*, defendida na mesma instituição, em 1979, fruto de pesquisa que resultou na publicação do clássico *A religião popular em Portugal*. Em seus estudos posteriores, voltou-se para as culturas do Mediterrâneo, a identidade mediterrânica das populações do território português, com as matrizes culturais fenícias/cananéias/púnicas/cartaginesas comuns a todo seu território, mas com maior incidência no noroeste Português, algumas zonas de Trás-os-Montes e das Beiras. Dessas pesquisas emergiu um livro que causou polémica com ecos internacionais: *Os mouros fatimadas e as aparições de Fátima*.

Professor catedrático, aposentado, responsável pelas cadeiras de sociologia da vida religiosa, sociologia rural aprofundada, sociologia da vida cotidiana e etno-sociologia das sociedades mediterrâneas, dirigiu a pós-graduação em sociologia do simbólico e do pensamento religioso, sendo co-fundador e presidente do Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões e do Instituto Mediterrâneo, ambos da Universidade Nova de Lisboa. Foi fundador e diretor de várias revistas acadêmicas. Continua ainda a trabalhar regularmente na Universidade, dividindo com um outro pesquisador seu pequeno gabinete, em muito se assemelhando a um alfarabista, onde as estantes transbordam de pilhas de teses, livros e arquivos. Com o concurso da professora Clara Saraiva, o diálogo que se segue ocorreu neste espaço de trabalho, na Universidade Nova de Lisboa

Prof. Ismael Pordeus Jr.

Clara Saraiva: Eu gostaria de saber porque o professor decidiu estudar religião.

Moisés Espírito Santo: Foi o professor Placide Rambaud que me encorajou. Inicialmente eu me interessei muito pela sociologia rural. Fui o primeiro sociólogo do país a se debruçar sobre a questão. Começou-se a fazer essas atividades em 1940, 1950. Então, eu fiz um trabalhinho bem feitinho, sobre uma aldeia, numa freguesia ali no Vale de Leiria. Depois do 25 de abril, eu já pude ir lá visitar e tal. Depois eu quis fazer doutoramento sobre a integração da imigração e o professor me disse: “Não! Você tem muito jeito pra religião. Porque não se dedica ao tema?”. Bom, foi uma sugestão dele.

CS: Isso tem haver com sua história de vida quando ficou fora de Portugal?

MES: Bem, eu tinha notado que a religião dos portugueses não se integrava na religião dos franceses em França. Então, eu reparei que esses senhores têm lá as rezinhas deles, vão lá nas capelas... Muitos portugueses faziam seus votos pra Nossa Senhora de Fátima. Era o sinal de uma visão patriótica. Era a ligação com a terra. E quando eles vinham a Portugal passar as férias eram os grandes financiadores das festas das aldeias. Temos aí qualquer coisa que não é só a ligação com a Igreja Católica. Por isso me interessei pela religião

popular e não necessariamente pela sociologia clássica da religião, que trata de quantificar as coisas, sem se preocupar com a dinâmica das instituições.

Ismael Pordeus: Penso nos estudos da sociologia francesa sobre o catolicismo, quando o senhor fala em quantificar. Penso que é Le Brás que dizia que o francês quando migrava para Paris deixava na estação de Montparnasse suas crenças religiosas e se tornava ateu.

MES: O que me interessa mesmo são as vivências populares da religião, independentemente das instituições eclesiásticas, e com isso as próprias instituições eclesiásticas e a Igreja Católica que, entre nós, aproveitou-se muito dos meus trabalhos. Os seminaristas continuam a ler os meus livros, aqueles que são obrigatórios nos seminários. Eles vão ver o nosso objetivo, a nossa análise sociológica dos cultos populares, pregões que não são cristãos e não tem nada a ver com cristianismo. E eles dão a volta, tentando modificar ao máximo a imagem pela letra. Dizem que a procissão passa por determinado sítio e a modificam do paganismo que a gente encontra.

IP: O senhor está dizendo que eles recompõem os caminhos das práticas tradicionais e, ao mesmo tempo, recompõem os símbolos e os integram à doutrina do catolicismo, escamoteando essas práticas centenárias existentes?

MES: Sim. É um efeito perverso de nosso trabalho. Eu não gosto nada de ouvir isso. Quando eles vêm me dizer aquilo que aprenderam para “corrigir”, isso é para mim muito desagradável. Então, a gente não vai fazer um trabalho para ser eliminado, estragado. Na Beira Alta e Baixa percorri as imagens e descobri que algumas eram de Nossa Senhora feitas pelos cristãos novos para disfarçarem a sua própria religião perante o poder católico. Eu escrevi um livrinho sobre isso e então as imagens foram roubadas. Estamos aqui a fazer um trabalho de análise das coisas e depois vem alguém apanhar as nossas informações para desfazê-las, para subverter o nosso trabalho. Esse trabalho de etnólogo às vezes tem esses efeitos perversos, negativos. Mas também não compete a mim estar a guardar essas imagens. É complicado, pois às vezes estamos a revelar aos ladrões onde há belas coisas, com valor artístico, histórico e patrimonial.

IP: Nesse sentido de práticas tradicionais, em minhas pesquisas aqui em Portugal, me deparei com rituais que não diria que sejam de matriz

afro-brasileira, embora tenham pessoas que pertençam ao afro-brasileiro e tenham práticas relacionadas ao catolicismo. Foram indicadas capelas onde rituais de cura eram praticados. Fui a Vila Nova de Gaia, Miramar, com pessoas relacionadas a tais práticas. Também visitei a Capela do Senhor dos Milagres ou Senhor dos Amarrados e a capela do Senhor da Pedra. Realizavam rituais de limpeza e de exorcismo dentro da própria capela, tanto numa como na outra. Realizei um percurso nas capelas em torno da cidade do Porto, no Senhor da Pedra, Senhor dos Amarrados, Senhor dos Matozinhos, Braga, também no Calvário dos Húngaros em Fátima, próximo à casa dos Três Pastores etc. Existia um número expressivo de pessoas, de “curandeiras” que trabalham nesse “circuito de capelas”. Nas pesquisas realizadas pelo senhor, foram identificadas práticas relativas a esses rituais?

MES: Você falou na Capela do Senhor dos Amarrados que é lá em Vila Nova de Gaia. Eu fui lá. Havia duas pessoas. Eu estava com um colega e queria ir dentro da capelinha. Esperamos que as pessoas sássem. Percebi que uma era bruxa, porque sei que ali é freqüentado por bruxas ou por videntes, curandeiros. Esperava que as pessoas sássem para eu ir visitar e saiu uma pessoa de lá, olhou para nós e disse assim: “Ah! Os senhores querem também vir na consulta? Eu disse: “Não! Só vimos visitar a capela!” Mas ela acabou fazendo a nossa consulta e disse: “ Você e aquele senhor... Eu estou a ver que já tiveram as doenças tal, tal e tal”. Eu disse: “Acertou três doenças que nós tivemos, cada um a sua”. Eu fiquei impressionado. Não sei como foi descobrir que já tínhamos tido aquelas doenças, nessa capelinha do Senhor dos Amarrados. Depois eu consultei várias pessoas para saber de suas experiências, para saber se era possível, por olhar e dizer. Disseram que sim, que há pessoas que até conseguem ver no subsolo se há vestígios arqueológicos, se há cadáveres em terraços, se há escritos nos subsolos. Mas nesse dia do Senhor dos Amarrados eu fiquei muito impressionado. Claro que eu podia ter perguntado o nome da pessoa, mas eu fiquei tão encavacado que não fui.

IP: Pelo que me foi falado há uma circulação relevante de pessoas, videntes, bruxas que circulam nestas duas capelas em Miramar. Pude constatar em uma das vezes que lá fui, um senhor dando consulta dentro da própria capela e pessoas sentadas em bancos próximos à espera de

serem atendidas. Este tipo de prática tradicional de rezas em capelas é comum no norte de Portugal?

MES: Isso são práticas que não são muito solicitadas. São muito discretas. As pessoas aconselham muito discretamente a irmos a determinados sítios. Essas pessoas às vezes circulam. As videntes estão restritas a determinados locais. As pessoas é que circulam de um santuário a outro, também por ordem e por mando delas. Elas próprias é que dizem: “Vá por uma velinha lá em Fátima em tal sítio, na tal capela.” Elas próprias que lhes dizem. As pessoas circulam, por exemplo, em um culto de êxtase ou transe. Não sei se conheces ali perto de Entroncamento, isso tá um bocado mudado. Fui quando estava ainda numa maneira um pouco selvagem, digamos assim, no sentido puro, popular, sem o controle institucional. Fiquei sabendo de um culto espontâneo. Peguei os alunos de sociologia do primeiro ano e fui lá. As pessoas praticavam o transe, refugiavam-se lá nos olivais, no mar. Lá consultavam uns aos outros e exorcizavam-se. Alguns entravam em transe, beijavam o chão, punham terra na cara, bebiam água do chão. Uma coisa muito curiosa, não sei se ainda há no Entroncamento, na Senhora da Ladeira. Era um culto de transe coletivo. A própria senhora da Conceição organizava isso. Depois ela foi mais ou menos proibida, aconselhada a não fazer. Depois criou-se a paróquia ortodoxa e a partir daí ela própria condenava os espíritas. Esse culto começou como um transe coletivo, mas nesse sentido popular. Tinham pessoas que sabiam falar mais e convencer e tomavam a palavra no grupo. Umas pessoas se colocavam mais do que outras. Os espíritos se manifestavam mais, como eles diziam.

IP: Estive lá sim. Uma dissidência da Igreja Ortodoxa polonesa lá se instalou, mas quem exercia a liderança era essa senhora (da Conceição). Vamos agora tratar do seu livro, *Religião na mudança: a nova era, onde é feita uma leitura dessa recomposição das práticas religiosas no Portugal contemporâneo...* É disso que trata esse livro, onde o senhor fala da recomposição do campo religioso português, com essas novas religiões que aqui chegaram.

MES: Esse foi editado há muito tempo...

CS: Antes do senhor responder a pergunta do professor Ismael sobre o campo religioso, gostaria de saber a sua opinião sobre as reações polêmicas do público ao livro *Os mouros fatimidas e as aparições de Fátima*.

MES: Só me fizeram rir, porque eu não tenho nada a ver com aquelas polêmicas. Houve uma polêmica entre o Vaticano e o governo do Irã. O Vaticano, por causa de Fátima. Depois o Irã e o governo português, por meio do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Minha reação foi totalmente de indiferença a essa polêmica, até porque o livro foi traduzido e adaptado sem minha autorização lá no Irã, sem eu saber de nada. Tanto que minha reação foi a de estar à margem dessas polêmicas. Eu procurei fazer o livro o mais sério possível. Fiz uma comparação entre os antigos cultos fatimidas e a aparição de Nossa Senhora. Tanto que estou à espera que me apanhem num errozinho que seja. Fátima e os seus arredores estão impregnados, no inconsciente coletivo, por uma cultura herdada do tempo da facção fatimida dos mouros que, na época, relatavam a visão de uma senhora de luz que consideravam ser Fátima, a filha de Muhammad. Esse livro já teve várias edições, está impecável. Há debates sobre o livro, não cito qualquer interesse meu, me afastei disso. Eu evitava falar muito sobre essa questão: se quisessem lessem o livro e mais nada. Eu não estava para polemizar. Alguns entendiam que eu estava a fazer uma apologia do Islã Xiita. Eu dizia não saber muito dessas polêmicas, me limitando a escrever livros. Eu sei que houve pessoas que me consultaram, queriam falar comigo porque pretendiam instalar uma mesquita para o lado da serra. Eu disse: “Olha, eu não posso aconselhar nada. Tem de ir as câmaras. Perguntem as câmaras onde podem construir mesquitas, porque eu não sei nada dessas questões de urbanismo. Eu não percebo nada disso!” Quando o senhor xiita falou, fiquei com medo. Pensei: “Agora essa gente está a me chatear!”. Eu não vou entrar nessas polêmicas, me limito a fazer análises religiosas e mais nada. Portanto, a minha reação foi essa: um pouco de indiferença. Ainda existem grupos islâmicos que vão a Fátima. Só estou à espera de críticas ao livro, que digam que isso ou aquilo está incorreto.

IP: Professor Moisés, o senhor poderia falar um pouco dessas mudanças nas práticas religiosas portuguesas, no Portugal contemporâneo? É disso, afinal, que trata um pouco esse livro. A Nova Era e a pluralidade religiosa significam a perda da hegemonia da Igreja Católica?

MES: O livro trata disso de fato. Há uma mudança religiosa entre nós, que é a passagem da religião coletivista das aldeias, para uma religião limitada, individual, entendida na consciência de cada um. Isso é muito visível nas práticas religiosas. É uma análise tipicamente sociológica. Nós vemos

os textos produzidos e permitidos pela Igreja Católica, quantificamos o número de pessoas nos cultos, nas capelas, realizamos entrevistas e depois reparamos que essa Igreja Católica está em decadência. Não exatamente a Igreja Católica, mas o catolicismo está em perdição. Eu diria que está perdido enquanto doutrina de fé. As pessoas podem aderir ao catolicismo, mas é por dependência eclesiástica. São dependentes do pároco, do bispo, porque consideram o senhor patriarca como um senhor simpático, que é muito humano etc. Ninguém acredita ou muito pouca gente acredita que para se salvar, tenha que se batizar ou tenha que passar pelos sacramentos da Igreja Católica. As pessoas perderam essa idéia, mas não perderam a noção da religião com Deus. Isso é o que eu chamo de a “Nova Era”: uma relação perfeitamente individual criada por cada um na sua relação com Deus. Essa é a fase histórica da religião católica portuguesa, que eu associo muito aos costumes da Nova Era. Essa é a tendência atual: relações espirituais individualistas e individualizantes com o sagrado, que as pessoas nem sempre sabem o que é.

IP: Seria uma pista o que fala o Luis Dumond em *Individualismo: a religião no mundo e fora do mundo*?

MES: É isso o individualismo sociológico que trata o Dumond e outros. Esse individualismo é pouco conhecido em Portugal. Nós não o sabemos por causa da Inquisição, do fascismo, da ignorância popular e do comunitarismo aldeão que não deixam que as pessoas sejam autônomas e pensem de uma maneira diferente. Esse individualismo sociológico só atualmente é que está a se instalar, por volta dos anos 50 e 60 (do século XX). Hoje é praticamente a posição aceita por uma grande massa de portugueses: manter uma relação individual com Deus. Essa que é a religião criativa, porque inventa maneiras próprias de ser religioso. É aí que entram todas as novidades religiosas. Nós estamos muito atrasados em relação aos países da Europa e da América, mas já estamos a viver essa fase da adoção individual de uma constatação religiosa, criada pelo próprio indivíduo. O indivíduo cria um conjunto de crenças e passa a ser aquela a sua religião. Nós vamos a Fátima e encontramos lá pessoas que não acreditam em Deus, mas acreditam em Nossa Senhora, nessa potência energética maternal. Outros acreditam em Deus, no evangelho e em Nossa Senhora. Enfim, essa é uma posição típica da Nova Era: cada um cria a sua própria constatação religiosa.

IP: O que eu estava a falar não é ponto de reflexão talvez do senhor, mas eu tenho muita vontade de discutir como uma sociedade, como a portuguesa, que objetiva o individualismo e a modernidade (avassaladoras em Portugal nos últimos trinta anos), entra na Comunidade Económica Europeia e, ao mesmo tempo, mantém grupos que utilizam a técnica de possessão como uma forma de se comunicar com o numinoso, o sagrado... Quer dizer, usam uma técnica que é categorizada como uma forma arcaica e até bem pouco tempo “patológica”.

MES: Mas aí não há contradição porque o pensamento religioso não é estanque. Os indivíduos são permutáveis. O pensamento religioso é interpenetrante. Nunca se acreditou tanto como agora na transmissão de pensamento, vidas passadas, reencarnação... Isso é típico da modernidade, que não contradiz o individualismo, porque as constelações simbólicas criadas pelos indivíduos se integram à grande constelação cósmica da Nova Era, que é promotora de energias de comunicação, entende? O transe é típico dessas comunidades da Nova Era.

IP: Quer dizer que eu poderia, de uma certa maneira, olhar esse processo de transnacionalidade das religiões afro-brasileiras para Portugal como um movimento da Nova Era, o neo-afro-brasileiro?

MES: Sim, é tudo *neo*. É uma adaptação moderna. Nós dizemos que os seres humanos permutam, também são correntes modernas da energética. As energias do cosmos manifestam-se nos humanos e através de elementos naturais. O que já não existe é o conceito tradicional de Deus. Isso desapareceu. Deus passou a ser um processo energético que é muito difícil de explicar e cada um entende como a sua fé lhes dita. Portanto, o neo-africanismo e o neo-animismo são processos tipicamente da Nova Era. São ligações de permuta energética entre os seres e a natureza. O transe vem exatamente aí: permutar energia e influenciar outros seres, entrar na consciência do outro. Há correntes evangélicas modernas que praticam muito o transe, a festa e a euforia dentro de uma assembleia. Essa euforia é libertadora. Esses rituais são libertadores. São variantes dos antigos ritos de possessão e de exorcismo. São variantes modernas. É na Nova Era que todos esses movimentos estão sendo ressuscitados porque de fato eles entram nesses elementos cósmicos da permuta e mesmo nessas idéias políticas modernas da globalização: já não há fronteiras, tudo isso vai no caminho da globalidade cósmica.

IP: Passei um ano a fazer uma pesquisa aqui e olhei muita bibliografia. Será que eu não investiguei bem ou realmente há pouca produção na área da sociologia da religião, em decorrência da laicização da universidade. Por que não se olha mais para o fenômeno religioso português?

MES: Há pouca coisa. Há amadores, jovens que se interessam pela religião, mas não fazem vida disso. Há pessoas que vem para universidade, mas querem ser gestores de empresas. O meio é pequeno. Aliás, eu tenho só três professores colegas de sociologia da religião aqui em Portugal. Para dar um exemplo: aqui na universidade eu não encontrei ninguém que me substituísse. Vou continuar aqui um pouco, mas vou embora um dia e me disseram que eu não seria substituído por ninguém. Apesar do trabalho que eu desenvolvi e continuo a desenvolver, a universidade não tem dinheiro para dar a um sociólogo preocupado em pesquisar religiosidade ou dar aula de sociologia da religião. Agora com o Bolonha vai ficar pior.

CS: Não sei como pode haver um curso de antropologia sem haver uma disciplina de antropologia da religião.

MES: Entre nós esses pragmatismos nunca deixaram de funcionar. Eu tive vários alunos que eu quis encorajar e eles diziam: “Depois, o que é que eu vou fazer com isso?” Muita gente se interessa, mas não há muita produção. Há publicações locais, nas aldeias.

CS: Eu trabalho no Minho e há muitas pessoas que deixaram de ir à bruxa, mas vão as igrejas evangélicas.

MES: As igrejas evangélicas não estão muito longe do catolicismo. Nós é que vemos mudanças na relação com o coletivo. As pessoas que optam tem escolhas. A escolha já é um sintoma da modernidade entre nós. Em relação à religião, as pessoas mudam sempre para melhor. É por isso que mudam. As mudanças são sintomas de modernidade.

CS: Há muita gente hoje em dia, nessa configuração do campo religioso, que vai a várias coisas. Antigamente havia menos opções.

MES: As pessoas circulam. Procuram o que melhor às satisfazem.

CS: Em relação ao futuro do Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões, visto que o professor foi a alma desse Instituto, o que é que vai acontecer agora?

MES: Eu estou em discussão com os colegas para ver como é que a gente vai continuar esse trabalho, mas a universidade também não ajuda muito por causa da burocracia. Não temos salas pra trabalhar, por exemplo. Estou em discussão com alguns colegas para manter o Instituto para além do que eu faço. Estou à espera de todas as idéias, de todas as pessoas que queiram aderir, queiram vir criar um pequeno núcleo e continuar.

OBRAS DE MOISÉS ESPÍRITO SANTO:

1972 – *Un Village Portugais* (em co-autoria com Nicole Cherbuet). Saint Denis: Logement et promotion sociale, 45 páginas.

1977 - *Le Geant Adamastor et Autres Contes du Portugal* (em co-autoria com Maria Padez-Kotzi). Paris: La Farandole, 60 páginas.

1980 - *Comunidade rural ao norte do Tejo*. Estudo de sociologia rural (com prefácio de Placide Rambaud). Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, 222 páginas.

1981 – *Portugal e a arte popular*: diapositivos comentados (com revisão de Maria Beatriz Rocha Trindade). Lisboa: Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, 18 páginas.

1984 - *A religião popular portuguesa* (com prefácio de Émile Poulat). Lisboa: Edições A Regra do Jogo, 270 páginas; 2ª edição: Lisboa, Assírio & Alvim, Colecção Peninsulares/Especial, nº21, 1990, 296 páginas (2ªedição revista e aumentada, com várias reimpressões).

1987 - *O Concelho da Batalha* (com fotografias e design de Severino Pereira). Lisboa: Câmara Municipal da Batalha, 140 páginas.

1988 - *Origens orientais da religião popular portuguesa*. Seguido de *Ensaio sobre toponímia antiga* (com posfácio de Natália Correia). Lisboa: Assírio & Alvim, Colecção Peninsulares/Especial nº10, 395 páginas (várias reimpressões).

1989 - *Fontes remotas da cultura portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, Colecção Peninsulares/Especial nº16, 396 páginas (várias reimpressões).

1993 - *Origens do cristianismo português*. Precedido de *A deusa síria*, de Luciano de Samoçata. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das

Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica, 2000, 242 páginas (1ª edição), 1997 (2ªedição).

1993 - *Dicionário fenício-português*: 10 000 vocábulos das línguas e dialectos falados pelos fenícios e cartagineses desde o século XXX a.C., englobando o fenício, o acadiano, o assírio e o hebraico bíblico. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica, 2000, 290 páginas (2ª edição: 1994).

1995 - *Lição*: Introdução Sociológica ao Islão. Vila Nova de Gaia. Estratégias Criativas, 64 páginas (Lição para a obtenção do grau de Professor Agregado em Sociologia das Religiões, proferida na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nos dias 27 e 28 de março de 1995)

1995 - *Os mouros fatimidias e as aparições de Fátima*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica, 2000, 400 páginas (quatro edições). A quarta edição (1998) foi melhorada e aumentada. Foi feita, recentemente, a 5ª edição: Lisboa, Assírio & Alvim, 2006. Existe uma tradução parcial da obra em italiano, por Marcello Saco: *Fátima Magica — Le Apparizioni di Fátima fra Cristianesimo Popolare e Misticismo Islamico*. Le Nardo Itália, BESA Editrice, 1999.

1997 - *O brasonário português e a cultura hebraica*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica 2000, 302 páginas (2ªedição, 2000).

1999 - *Comunidade rural ao norte do Tejo seguido de vinte anos depois*. Lisboa: Associação de Estudos Rurais da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica 2000, 351 páginas.

2001 - *Origens do cristianismo português* (versão corrigida e melhorada). Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica 2000, 320 páginas.

2002 - *A religião na mudança: a Nova Era*. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa e Gráfica 2000, 303 páginas.

2004 - *Cinco mil anos de cultura a oeste*: Etno-História da religião popular numa região da Estremadura. Lisboa: Assírio & Alvim, Colecção Peninsulares/Especial, 535 páginas.